

OUVIR



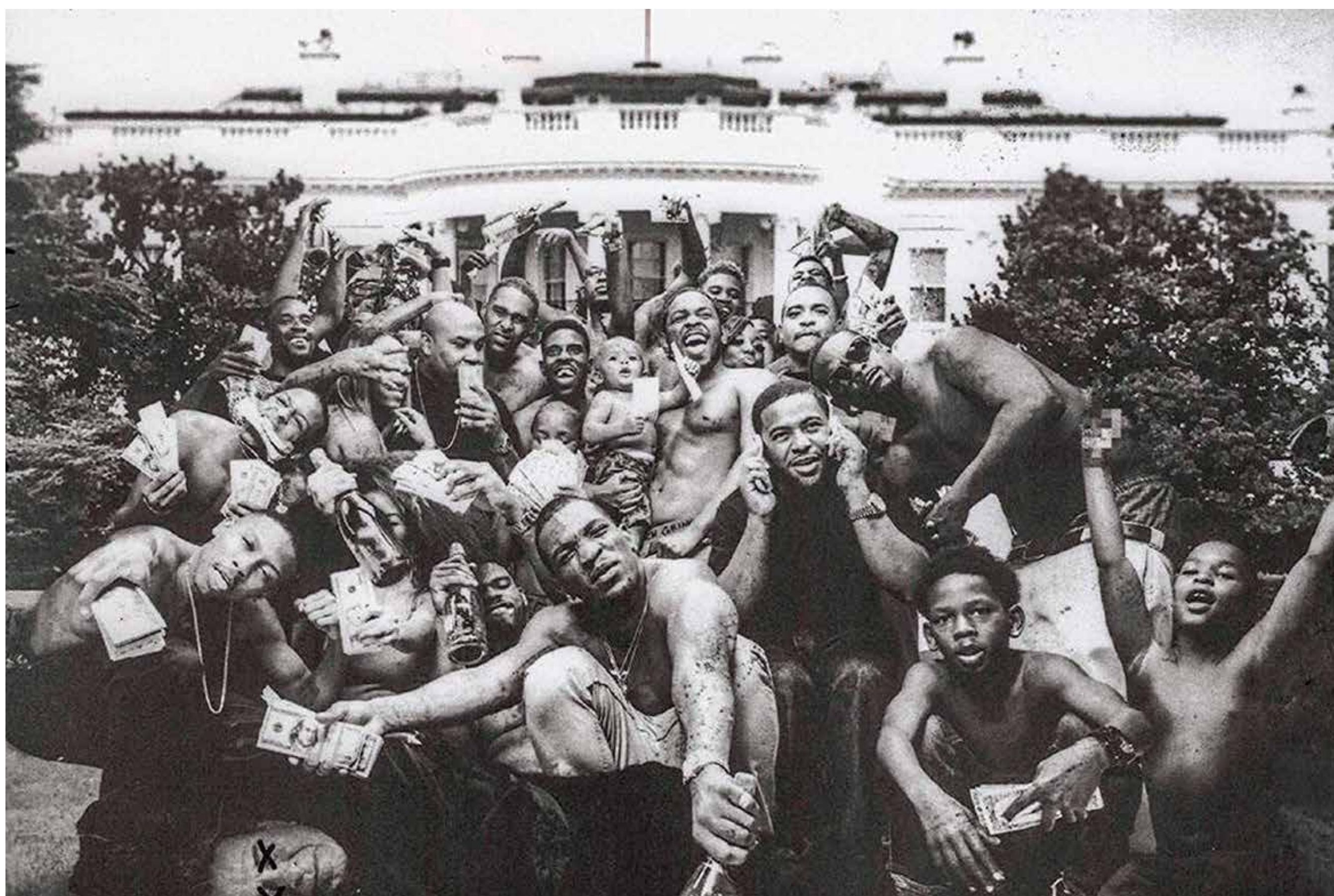
«TO PIMP A BUTTERFLY» KENDRICK LAMAR

Tem nome de jogador de basquetebol mas, o seu destino joga-se bem longe da área dos nove metros ou dos lançamentos triplos. Kendrick, que escolheu Lamar e não Duckworth como apelido artístico, lançou em 2015 aquele que é provavelmente o seu melhor disco e, porque não dizê-lo, um daqueles que ficará impresso a letras douradas na enciclopédia dedicada a compilar os melhores momentos do Hip Hop. Um disco para colocar ao lado de pérolas como «It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back», dos Public Enemy, «Straight Outta Compton», dos N.W.A., «The Low End Theory», dos A Tribe Called Quest, «Paid in Full», de Eric B & Rakim, ou «3 Feet High & Rising», dos De La Soul.

«To Pimp a Butterfly» é um disco maníaco, desconcertante, ambicioso, inquieto, que mistura géneros e influências. Há laivos de funk, toneladas de jazz, borrifos de R&B, uma dose muito generosa de soul, um desejo manifesto de experimentação e, sobretudo, um regresso a muitas das boas raízes do Hip Hop.

O disco habita – sobretudo líricamente – nas margens da ambiguidade, onde ao mesmo tempo se é vítima e perpetrador num mundo onde o cinzento é a cor dominante e os grandes temas são a hipocrisia, a culpa, a decadência e a inércia coletiva. Encontrarão neste disco muitos mais temas da contemporaneidade americana do que em muitos dos grandes romances americanos da era moderna: fala-se das relações entre etnias, das fundações do país assentes na escravatura, das grandes desigualdades ditadas pelo dinheiro ou pela cor de pele, da relação desigual entre sexos, do lado negro da fama.

É certo que Kanye West e Drake estão a poucos metros de atingir o cume do Everest do Rap vestindo, como diriam alguns, um manto protetor. Porém, quando lá chegarem, encontrarão Kendrick Lamar entretido com a sua coleção de borboletas vivas. Este não é um álbum de rap. É o álbum rap.



siga-nos

